



O que é a música portuguesa? Muita gente pensa que sabe, outra sabe mas não sabe como dizê-lo. Em Paris, especialmente para «A Mosca», Alcides de Campos falou com um cantor cujo nome está agora a ser reimportado pelo país de origem: Luís Cília. Ele merece bastante mais do que a tímida audiência de alguns produtores radiofónicos. Merece que se lhe devolva a coragem mostrada num dia-a-dia precário, mesmo à distância, essa palavra para dignificar, mesmo à distância, essa palavra simples e directa do nosso tempo: a canção.

LUÍS CÍLIA — ENTREVISTADO EM PARIS POR ALCIDES DE CAMPOS

UMA VOZ, TODA A VERDADE

L. A cinco anos em Paris para estudar harmonia e composição, Luís Cília (natural de Nova Lisboa, onde nasceu há 26 anos), tem desenvolvido nesta cidade, a par dos seus estudos, uma actividade musical digna de aplauso. Não só porque ela pode contribuir para um mais vasto conhecimento da nossa poesia, mas também pela relevância dada aos nossos problemas mais urgentes: gota de luz projectada sobre as banalidades quotidianas contadas à laia de pregão comercial, bofetada na bronca do «quem dá mais pela filha do marquês», como canta o poeta Manuel de Sousa E, sobretudo, esforço de desmistificação da superficialidade narcótica ordinária, medida a peso, a metro e ao litro; «quem dá mais?...»

O repertório é pequeno mas importante. Com um primeiro disco editado em Paris (1965), imediatamente seguido de um segundo em 1966, Luís Cília entra no mercado português em 1968 através da Sonoplay com «Poesia portuguesa de hoje e de sempre», música sobre versos de José Saramago, Orlando da Costa, José Gomes Ferreira, João Apolinário, Almeida Garrett, Filinto Elísio e Camões.

Sabedores do sucesso alcançado em Portugal pelo autor da musica do filme «O Salto», procurámo-lo para um breve encontro que aqui fica no seu pormenor.

A. C. — Como nasceu e se desenvolveu em si a ideia de adaptar a composição musical a poesia portuguesa de hoje e de ontem?

L. C. — Em 1963 conheci em Lisboa o poeta Daniel Filipe, que me fez descobrir a possibilidade de um trabalho de colaboração entre a poesia e a musica, como o que já se vinha realizando noutros países. Em França, por exemplo, onde existem canções de grande interesse nascidas da colaboração de poetas como Aragon e Eluard, e de musicos como Brassens, Feré ou Kosma. Portanto, foi Daniel Filipe quem me fez descobrir essas novas perspectivas e é ele quem está na origem de toda a minha orientação musical. A princípio, timidamente, musiquei alguns dos seus poemas e, apesar do frio acolhimento recebido, Daniel Filipe incitou-me a continuar. Sem o seu apoio, creio que teria desistido definitivamente. Insisto neste facto, pois não quero deixar de aproveitar a oportunidade que me é oferecida para prestar uma sentida homenagem a esse grande amigo e companheiro dos meus começos na canção. Uma vez em França, pude dedicar-me mais seriamente à musica, uma vez que me era dada oportunidade não só de gravar, mas de entrar em contacto com um meio musical evoluído. Em Portugal nunca me teria passado pela cabeça a ideia de viver da musica, até porque não teria a mínima hipótese de sobrevivência. Como por lá se tem de ser «doutor», estava condenado a estudar Económicas, o que, devo confessar, não era a minha vocação...

A. C. — Com três discos editados e um quarto em preparação, a sua obra compõe-se presentemente de duas partes distintas, embora consecutivas: a temática directa e a canção, digamos, de circunstancia. Poderia dizer-nos os critérios que dirigem a selecção dos poemas que tem adaptado?

L. C. — Devo dizer-lhe que, infelizmente, a minha selecção está bastante condicionada à grande dificuldade que tenho em acompanhar o movimento editorial português. Por vezes «descubro» um poeta até então desconhecido por mim e apercebo-me de que é impossível encontrar um livro seu, devido a já não se encontrar no mercado. Isso aconteceu, por exemplo, com João Apolinário, pois a unica poesia sua que pude encontrar foi em antologias. Para a escolha de um poema que se possa transformar numa canção, há dois factores que considero importantes: o aspecto formal e a identificação. Presentemente considero que a canção em Portugal pode exercer um papel sensibilizador importante e, por isso, na escolha de um poema tenho de considerar a facilidade com que a futura canção possa ser «captada» por um largo publico; ás vezes evito musicar poemas de que gosto, mas que se transformariam em canções muito intelectualizadas. Este problema existe, quanto a mim, na fase actual da «nova canção» e, no futuro, penso que já se poderão realizar outros tipos de trabalho. Pode parecer a alguns que faço uma concessão, mas hoje é necessário que este tipo de canção «desça à rua», como diz Manuel Alegre, e que não se torne o apanágio de uma minoria intelectual. Claro que me sinto identificado com todos os poetas que já musiquei, como José Saramago, Borges Coelho, Orlando da Costa, mas aquele de quem me sinto mais próximo é José Gomes Ferreira, cuja poesia tem sido para mim uma boa companheira nestas terras longínquas. O meu grande desejo é que todos os poetas que já musiquei se não sintam «traídos» pela minha musica. Mas há muitos poetas com quem me sinto identificado (Manuel da Fonseca, Mário Dionísio, Alexandre O'Neill, por exemplo) e que ainda não consegui musicar porque



não encontrei uma forma musical que se adaptasse ao ritmo dessa poesia.

A. C. — Que dificuldades encontra em França no domínio musical, e em que medida lhe foi possível lan-

çar-se na canção a partir de um país e de um publico que desconhece quase completamente a musica e a poesia portuguesas?

L. C. — As minhas canções destinam-se, antes de

tudo, a um publico de lingua portuguesa. Portanto, não posso ter ilusões de encontrar uma grande audiência junto do publico francês. Mas não esqueçamos que há em França cerca de 150 mil portugueses, publico esse que considero bastante importante e, apesar de não ser fácil, tento o que posso para contactar com ele. Porém, sempre que canto para um publico francês, noto que há um grande interesse pelos nossos problemas. Ainda há quinze dias fui á Universidade de Tours fazer um recital e, no final, houve um debate bastante interessante e pude ver que existe, da parte dos jovens franceses, um grande interesse pela cultura portuguesa. Infelizmente os autores portugueses traduzidos constituem uma minoria e pouco é feito em prol da expansão da nossa literatura no estrangeiro. Mas se, no fundo, nem em Portugal os nossos escritores são muito conhecidos...

A. C. — Que pensa do aparecimento de uma «nova canção» portuguesa? Que reflexões lhe sugere a sua complicada engrenagem, feita de condicionamentos diversos e deixada, quase sempre, ao critério comercial dos editores, esses magnates do acetato?

L. C. — Hoje, para além dos artistas ligados á Emisora Nacional, é difícil para

qualquer novo cantor viver profissionalmente da musica. Portanto, para estas pessoas que se vêem obrigadas a arranjar um outro emprego para poderem sobreviver, o caminho é, como sabe, bastante duro. Entretanto, e apesar das enormes dificuldades, sou optimista quanto ao futuro, pois já se vão desenhando novas perspectivas e começam a aparecer cantores que lá se vão impondo. Há jovens que realizaram um trabalho interessante, como Manuel Freire, Adriano Correia de Oliveira e J. Mário Branco. Este ultimo reside em Paris e vai editar um disco brevemente. Mas uma das maiores dificuldades que todos nós devemos enfrentar é o descrédito em que caiu a canção portuguesa, e isto porque se deu ao consumo publico um produto horrível a que chamaram «canção», apresentado por uma espécie de «calvários» a que deram o nome de cantores. Parece-me por consequência necessário lançar mão a um trabalho de reeducação da sensibilidade musical da maioria dos auditores, e fazer-lhes crer na possibilidade de uma canção portuguesa de certo valor. Neste aspecto não quero deixar de focar o magnífico trabalho realizado por Lopes Graça e Michel Gia-

(Continua na 15.ª página)

A MOSCA

MAGAZINE SEMANAL DO

Diario de Lisboa

Amália — o fado em balalaika
Luís Cília —
«Vocês mataram o meu gato»
Quanto custa emagrecer
As fábricas da morte
Safari
Os desastres de Sofia
Le Duc Tho
«Cartoons»

Ainda não temos telefone. Só o do vizinho — que é surdo.

LUIS CILIA

(Continuação da 4.^a página)

cometti na recolha desse inestimável património nacional que é a canção popular. Hoje ainda não nos podemos aperceber do grande valor desse trabalho, mas sem essas pessoas ver-nos-íamos, dentro de anos, na situação de um povo sem história musical.

A. C. — Quais os seus projectos futuros?

L. C. — Preparo actualmente um novo disco com

poesia de Carlos de Oliveira, Fernando Pessoa, Miguel Torga, José Saramago e Urbano Tavares Rodrigues, entre outros, que deve sair em Outubro. Por outro lado, continuo a tentar progredir para não desiludir aqueles que tão carinhosamente me apoiam. Continuo, pois, a estudar musica, tentando recuperar o tempo que perdi. Porque já foi tarde que comecei!

ALCIDES DE CAMPOS